

TRINDAD CITY

Paga Infantil de Paris Clara Machado

Demétrio  
até 01/7

Personagens

O Silêncio - Luis Surdo-Mudo  
 Dona Cafeteira Eschada, a Dona do Saloon  
 Paulinha Galva Registradora  
 Biruta  
 Al Césarca, us bendido  
 Jôno Charuto, chamada A Pistoleira  
 Poetico da Sousa  
 El Maluco, us cearense  
 Jôno Cearense, us advogado  
 Jôno Filho, Prefeito, chefe político do Tribuco  
 do Tribuco  
 Maria Carlota, a moçinha  
 Maria Estanço, a falsa Parly  
 O Tribuco, bandidos em potencial:  
     Baby Arlete  
     Baby Araci  
     Baby Kanser a  
     Baby Corhom  
 Outros Personagens

**SBAT**  
 LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
 PARA FIM DE ESTUDO  
 TO. A... ESTÃO  
 SUJEITOS A NOVA AUTORIZAÇÃO  
 REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Cenário

O saloon, tipo filme de moçinha americano no começo do século, em Trindad City, Estado do Rio, Brasil. Um balcão, uma pianola, uma cozinha e uma loja; duas mesas de bar. Balquão no fundo com cortina.



... e pianista-juiz, como o seu arte, tira o piano, volta-se ao piano e começa a tocar. Curva-se um pouco. Sai a mulher e volta-se para o piano, tocando. Tempo. Entra o advogado, chega favorável aos filhos Belezoca reparando Parly Parisiã. Olha para cima e assente. Cafeteira aparece no alto da escada.

CAFETEIRA - Não subiu, senhor?

MARONETE - É Joana Chiraco e Al Casarra?

CAFETEIRA - Vão fingir direitinho. Dá-lhe comigo. (Desaparece)

MARONETE - OK. (Empurra Parly que sabe com ele e Paris Belezoca e entra no quarto 13.)

Entra o Herman que vai até o bar e dá-se no balcão. Surge Caixa Registradora que para no meio da cena ouvindo conversa no quarto 13. Entra Cafeteira. Vendo que a Caixa Registradora está olhando para cima.

CAFETEIRA - Você já chegou?

CAIXA - Cheguei.

CAFETEIRA - É cedo.

CAIXA - Gosto de cumprir o meu dever.

CAFETEIRA - Você ouviu alguma coisa?

CAIXA - (amedrontada) Parou de chover.

CAFETEIRA - Então vá até o banco trocar dinheiro. Tona.

CAIXA - Já volto.

Chegam Al e Joana.

CAIXA - Good evening Al! (Sai suspirando apaixonada)

AL - Good evening!

Joana e Al continuam até uma mesa. Vem descendo Belezoca e Maronete.

BELEZOCA - E eu?

MARONETE - Te espera na diligência. Precisamos fazer uma entrada solene.

BELEZOCA - E Gedemar?

MARONETE - Ele já decorou o papel. Vai representar direitinho.

BELEZOCA - E a grana, bicho?

MARONETE - Calma, Belezoca. Você saberá de tudo no correr da representação.

BELEZOCA - Tô cheia de fingir.

MARONETE - Você não quer ser atriz?

BELEZOCA - Quero é ser rica, tá?

MARONETE - Você será riquíssima! Vamos!

Sai Belezoca. Maronete troca olhares e sinais cúmplices com Al Casarra e Joana, depois sai apressado. Entram Mocinho e El Mexicano na outra mesa. Cochilam. Volta a Caixa Registradora, bate o pianista para recomeçar a música e se senta guardando o



pianista continua tocando. **Bêbedo vai até o bar.** A Caixa acorda o Barman, o bê bado bebe, passa pela Caixa que o intercepta com o pé, ela cai e paga a bebida, vai sentar-se à mesa de Joana Charuto e começam a jogar. O jogo começa com palavras em inglês.

AL - Come on boy... Do you want to play? Have money!?

COW-BOY - Yes!

JOANA - One.

AL - Two.

COW-BOY - Three.

JOANA - Four.

AL - Five.

COW-BOY - Six.

JOANA - Seven. (Cow-boy tira carta falsa do sapato, Joana e Al escondem revólveres e amarram cow-boy.)

Ouve-se o sombido de uma orquestra. Todos acompanham o trajeto da mosca. / Todos ficam a pensar no Mexicano. A caixa dá-lhe um tapa.

EL MEXICANO - (Acordando) Los Índios!

Apre-se a cortina do palquinho e aparece Cafeteira cantando e dançando com as Babias.

CAFETEIRA - É preciso trabalhar

Esta casa é o nosso lar

Quem quiser se divertir, pode vir

Prá dançar, cantar, há sempre um lugar!

A Cafeteira dança do palquinho com as Babias. Elas dançam. De repente aparece na cena Gaderar White, o prefeito-chefe político da cidade. / elegante e pastoso.

PREFEITO - Povo de Tribobô City, finalmente conseguiram! (Beijr a mão da Cafeteira.)

CAFETEIRA - Sr. Prefeito!

O pianista-juris para de tocar.

PREFEITO - Sr. Juiz. (ou seja, o cumprimento com a cabeça.) Finalmente conseguiram! Povo da minha terra. quero fazer hoje, aqui, neste local, hospitaleiro, centro da vida social de Tribobô, a maior reconstrução de todos os tempos que esta cidade. (Todos começam a voltar dezanhões para seus lugares.) Não tornem a dançar, povo de minha terra! Nesta vez é verdade mesmo. A terra está pronta em Tribobô City!

Todos se animam. Cantam e dançam.



TODOS - O trem vai parar em Tribobó City  
O trem vai parar em Tribobó City  
Viva o progresso  
Viva Tribobó City

PREFEITO - Viva eu!

TODOS - Viva o trem!  
Que vai parar em Tribobó City  
Que vai parar em Tribobó City  
Que vai parar em Tribobó City  
Macaré não tem!  
Laje não tem também!  
Só Tribobó tem!  
Um trem!

PREFEITO - Viva eu!

TODOS - Macaré não tem!  
Laje não tem um trem!

PREFEITO - Viva eu!

TODOS - Tribobó tem!  
PREFEITO - Um homem de bem!  
TODOS - Um trem, um trem!  
PREFEITO - Um homem de bem!  
TODOS - Um trem, um trem.

CAPETEIRA - Companhia Cafeteira de Diligências, Tribobó-Niterói!

BANIE - Tribobó-Niterói!

TODOS - Um trem, um trem!

No meio da dança vem chegando John Faronete acompanhando Maria Belezona, a falsa Marly Marlens. Faronete tira o revólver e atira para cima. Todos param de dançar. A música cessa. As bailarinas passam e sobem para o 2º andar.

PREFEITO - Quem é o Sr.?

Faronete tira um cartão que apresenta ao prefeito.

PREFEITO - (Lendo) "John Faronete da Fonseca, Protetor dos Fistas." Ora veja, então fique do meu lado e explique que quer de nós.

FARONETE - Foi contratado pela Senhorita Marly Marlens Saich para defender seus direitos.

CAPETEIRA - (Pinguente) Que direitos?

FARONETE - Esta senhorita é dona absoluta da fazenda Tribobó. Ela venceu na justiça do Governo Federal, provando que a linha de ferro Central de Tribobó não poderá



terras da dita senhorita.

TODOS - Oh!

MARONETE - É muito menos poderá ser construída uma estação nas ditas /  
terras da dita senhorita.

TODOS - Oh!

MARONETE - Porque a mesma senhorita tem outros fins em mente para es -  
tas mesmas terras da dita senhorita.

LOCINHO - Não estou entendendo; o avô da senhorita Smith já tinha dea -  
do legalmente estas terras para a estrada muito antes da se -  
nhorita Smith embarcar para o estrangeiro.

MARONETE - O senhor por acaso é o herdeiro?

LOCINHO - Ainda estou esperando a minha herança.

PREFEITO - Então fique quieto, ocioso da Sourak.

BABY ARACI - Mas ele já está esperando a nomeação há 5 anos e a cida -  
de está sem herife.

PREFEITO - Calma... Calma, Baby Aracis, você se exalta demais... A no -  
meação chegará. Se não for este ano será no ano que vem. Um  
deputado amigo prometeu. Confie em vossa prefeito.

BABY ARACI - Nós confiamos, Sr. Prefeito.

PREFEITO - Obrigado Baby Araci, muito obrigada, espero que Baby Renem  
e Baby Bombon também confie em mim.

BABIES - Quando é que não confiamos em você Godemar White?

CAFETEIRA - Quietar, meninas, vocês falam demais.

EL MEXICANO - Todos já estão querendo saber el asunto. Teremos es -  
trada de ferro ou não?

MARONETE - Quem é esse mexicano?

PREFEITO - El Mexicano, um cearense.

MEXICANO - Teremos estrada com parada florida en la ciudad de Tribobó,  
nem que todos los indios...

LOCINHO - Chega, El Mexicano, você se exalta demais. Vamos logo esclari -  
ficar este assunto o avô da senhorita Carly Carlene Smith...

MEXICANO - "O coronel Manuel Capivara Smith" aciso mio...

LOCINHO - ... antes de morrer, doou suas terras de Tribobó para para o  
bem da cidade, ele sempre sonhou com uma linda estação flori -  
da para a futura estrada de ferro Tribobó-Niterói, logo...

CAINA - Isto é verdade, está nos livros.

AL CAZARUA - Está nos livros, essa é boa, ha ha ha...

JOANA CHERUTO - Alguma coisa para rir?

MARONETE - Acontece que sua neta, herdaira dessas terras, ao chegar dos  
Estados Unidos, onde estudou confortologia (Babies dizem que du -  
rante 7 anos, achou por bem doar estas terras para a cidade, a  
estação de uma grande esila para supragar os cowboys de Tribobó.



dos de todo o mundo.

CAFETEIRA - Isto é uma ação muito bonita, D. Marly Marlene.

COW-BOY - Viva!

MOCHINHO - A estrada florida tem que ser construída.

BARONETE - Dou a palavra à D. Marly.

MARIA BELEZOCA - Depois de muito observar, através dos livros em que /  
estudei, que os cow-boys depois de velhos não têm onde /  
morar, resolvi construir aqui nas minhas terras uma /  
grande casa para os pobrezinhos desempregados.

COW-BOY - Muito justo!

AL GAZARRA - Justíssimo! A Srta. Marly Marlene será chamada de hoje em /  
diante La Justicera!

COW-BOY - Viva La Justicera!

MOCHINHO - Queremos ver os papéis!

MEXICANO - Chamarei todos los índios se la estrada não passar na ciu - /  
dad de Tribobó. Poremos los trilhos com las unhas e los den - /  
tes...

BABY NENE - E os desdentados, que será deles?

PREFEITO - Calma! (Começa uma confusão, uns gritando viva La Justicera)

OUTROS - Queremos a estrada! Viva Manuel Capivara Smith, benfeitor de /  
Tribobó! (Prefeito sempre querendo acalmar a todos. O prefei - /  
to dá um tiro. Calma.)

PREFEITO - Evacuem a sala. Só ficarão aqui eu, comê autoridade máxima, /  
o advogado Baronete, a senhorita Marly Marlene, D. Cafetei - /  
ra, dona deste hotel, e o Sr. Juiz, para julgar tudo. Preci - /  
samos discutir o assunto com muito cuidado. Prometo aos habi - /  
tantes de Tribobó City que farei tudo que estiver ao meu al - /  
cance de prefeito e autoridade máxima para resolver este as - /  
sunto.

BABIES - Viva Gedemar White!

CAFETEIRA - Chega meninas!

PREFEITO - Tribobó precisa de uma estação e de uma estrada de ferro. /  
Pois bem, Tribobó terá uma estação e uma estrada de ferro.

BABIES - Gedemar! Gedemar! Gedemar! (Batem palmas)

COW-BOY - Gedemar!

PREFEITO - É o vosso prefeito que promete, é o vosso prefeito que cum - /  
prirá esta promessa. Promessa é dívida. Dívida é promessa.

MEXICANO - Se esta dívida for solamente uma promessa, charei los ín - /  
dios...

MOCHINHO - Deixa, El Mexicano, depois veremos. Diga ainda uma última coi - /  
sa Srta. Marly Marlene, me lembro que quando você nasceu /  
ainda criança daqui de Tribobó para ir estudar nos Estados Unidos.



Unidos, os seus cabelos eram bem diferentes...

MARLY - (Falta) O Sr. não conhece os produtos de tingir cabelos, senhor?

ROCIÑO - Rocinho de Sousa... seu amigo de infância... você não se lembra mais, Marly?

MARLY - (Falta) Depois de ver tanto surribo e de estudar tanta fonologia nos livros de lá, e senhor ainda acha que iria me lembrar de um amigo de infância, senhor Engraçadinho de Sousa?

ROCIÑO - (Rindo) Engraçadinho de Sousa!

EL MEXICANO - Se a Srta. tem a memória curta, chamarei los Indios...

ROCIÑO - Heize, Mexicano, Ela se recordará com o tempo...

ROCIÑO - Los Indios... (Grita do quarto no ouvido de Maria Beleroca.)

MARLY - (Falta) Estou me sentindo mal... Tirem-me daqui por favor...

EL MEXICANO - Vágor embora para o seu escritório Srta. Marly Karlena. Fogo ao Sr. Laroneta que me acompanha. Estes papéis têm que ser vistos à luz da justiça e a luz aqui é muito fraca. Vamos! (Para Cafeteira) Vámb, também Srta. Cafeteira. Joana Charuto. Al Gatarra, acompanha-as.

EL MEXICANO - É bom que todos se retirem. Celebraremos amanhã, com o Sr. Prefeito, a vitória da justiça. Vou fechar a casa. (As balconistas e o Barman se retiram) Caixa Registradora, você ficou aí tomando conta da caixa. Atenção ao dinheiro, senão você será despedida, hein?

Naí atrás do prefeito- Rocinho de Sousa e El Mexicano quando vão saindo são interceptados pela noça da caixa.

CAIXA - Espere por mim na casa do coqueiro da diligência...

EL MEXICANO - Chamo los Indios?

ROCIÑO - Calma, El Mexicano!

CAIXA - Coisas estranhíssimas estão acontecendo no quarto 13...

ROCIÑO - No quarto 13?... Isto está me cheirando mal... Lá estaremos... Ouvem-se gritos.

ROCIÑO - Help! Help!

ROCIÑO - O que é isto?

Tomasa e por ouvidos e os gritos de "Help" se repetem.

OS TRÊS JUNTOS - O quarto 13!

ROCIÑO - Vã correndo até lá, que firemos vigiando!

CAIXA - Hei?! Não posso deixar a caixa um só instante senão serão despedidas.

Rocinho corre para o quarto 13.



CAIXA - (Medrosa, perto da caixa) A Sr<sup>a</sup>. Cafeteira tem medo que roubem a caixa, então tenho que ficar o dia inteiro e às vezes a noite inteira perto do dinheiro.

MEXICANO - Chamarei los índios...

Mocinho abre a porta do quarto 13 e aparece, amarrada, a verdadeira / Marly Marlene, frágil e amedrontada.

MOCINHO - Marly Marlene!

MARLY - Mocinho!

Os dois se abraçam. Mocinho desce com a mocinha. Desamarra depressa / sua amiga de infância.

MOCINHO - Então a outra é uma impostora! Coitadinha, tem as mãos feridas! (Faz uma bandagem com seu lenço no pulso de Marly, que / respira amedrontada olhando para todos os lados.)

MARLY - Nunca pensei que ao voltar dos Estados Unidos fosse recebida / desta maneira...

MOCINHO - Conte tudo.

MARLY - Mendei um telegrama para o prefeito dizendo que devia chegar / no dia 14, isto é, antontem. Como não conhecia mais ninguém em Tribobó...

MOCINHO - Você se esqueceu de mim, Marly?

MARLY - Muito ao contrário... Como não tinha mais seu endereço, enviei a carta para a Prefeitura de Tribobó. O prefeito respondeu que você tinha se mudado para São Paulo.

MOCINHO - Sim, mas ele sabia meu endereço em São Paulo. Estava estudando para ser xerife.

MARLY - XERIFOLOGIA?

MOCINHO - Mais ou menos... se formei e voltei...

MARLY - Que notas você tirou?

MOCINHO - Ah!... Isto não tem importância...

EL MEXICANO - Meu amigo tirou 11 em todas as matérias...

MARLY - Parabéns, Mocinho...

MOCINHO - Bom, obrigado. Mas... não mudasse de assunto. O caso é grave. O prefeito sabia que eu vinha passar todas as férias aqui...

MARLY - Então ele mentiu?

MOCINHO - Com certeza.

MARLY - Mas um prefeito mentir?

MOCINHO - É, é inacreditável.

Marly começa a chorar.

MOCINHO - Não chore, Marly Marlene, dá-lhe um jeito de ver.





EL MEXICANO - Chego los indios?

LOCINHO - Calma, El Mexicano. Deixa Marly contar tudo como foi.

LOCINHO enxuga as lágrimas de Marly.

MARLY - Quando cheguei ao cais Faru...

LOCINHO - Onde?

MARLY - Ao cais Faru, um homem moreno e alto...

LOCINHO - Deve ser Baronete.

MARLY - É uma roça muito bem vestida...

CAIXA - A falsa Marly.

MARLY - ... me receberam gentilmente, até com bombons... depois me trouxeram para aqui e quando entrei no quarto...

CAIXA - (Histérica) No quarto 13.

MARLY - ... quando entrei no quarto, ele me amordaçou, me tirou todos os chocolates... (soluça) e me disse que se eu não me comportasse direitinho esses dias, me mandaria de volta para os Estados Unidos, sem dólar, sem nada! (Solução) Fiquei apavorada...

MEXICANO E LOCINHO - Um verdadeiro sequestro.

CAIXA - Um sequestro?!

MARLY - Estou com tanto medo, Mocinho!

CAIXA - Eu também.

LOCINHO - Fica calma Marly. Vamos procurar saber porque o prefeito tem interesse nas terras de seu avô. Afinal a estrada de ferro e a estação florida são coisas importantes que qualquer prefeito ficaria orgulhoso de realizar... A desculpa de fazer lá um abrigo para cow-boys desempregados não cola... Ele deve estar querendo alguma coisa melhor!

MARLY - Você acha que poderá lutar sozinho contra o prefeito, Mocinho?

CAIXA - Se fosse só ele... Estou muito desconfiada.

MEXICANO - Onde hai fumaça, hai fuego.

LOCINHO - Temos que lutar contra muitos... John Baronte, o advogado, deve ser advogado do diabo... tenho a impressão que Joana Charuto e Al Gazarra também são do bando...

CAIXA - Al Gazarra?

LOCINHO - Ele é protegido da Srª. Cafeteira que também deve pertencer ao bando...

Fuça da caixa começa a chorar.

LOCINHO - Que é isto Caixa Registradora? Nunca te vejo registrar... Don't cry!

CAIXA - É que... É que... É que...

MEXICANO - É que... É que... É que... Habla mi



CAIXA - É que estou apaixonada pelo Al. Bazarra e pensei que ele fosse  
homem de bem... Ele é tão alegre...

POCINHO - Não chore mais... Um dia você ainda encontra um homem de  
bem. Tenho certeza disso! Você merece!

MEXICANO - (Beijando a mão da caixa) Soy un hombre de bien, Srta. Cai-  
xa Registradora, también soy un hombre alegre! (Ri e dança  
em volta do chapéu)

CAIXA - (Alvorçada) Mas, como posso namorar se vivo nesta caixa regis-  
tradora?

MEXICANO - Chamarei los índios para quebrar tudo com los dientes e ca-  
sarei con usted em la estrada de Santos...

CAIXA - Ele é tão impetuoso!...

MARLY - Pa... Eu sou muito infeliz! O que vai ser de nós?

POCINHO - O futuro é incerto Marly Karlene, mas a coragem é grande...  
Tenhamos coragem...

(Os quatro começam a cantar)

O futuro é incerto,  
Mas a coragem é grande,  
Senos contra contra todos,  
Aí que vida madresta...  
Tiro, grito e dor!  
Para onde foi o amor,  
O amor, o amor, o amor,  
Tribobô terá sua estação,  
O inimigo não tem,  
Não tem, não tem, não tem,  
Não tem coração.

(Dançam. De repente eles param de dançar e põem ouvidos. Ouve-se o ru-  
lido da charrrete e de alguns cavalos.)

POCINHO - Vem gente! Sobem Marly. Temos que fugir ainda um pouco. (Og-  
cinho torna a apertar as mãos de Marly e leva-a até o quarto  
13. O Mexicano abre a beija a mão de Caixa Registradora.)

CAIXA - (Pensando que é Al. Bazarra) Al. Bazarra, fugretoi (Chora)

MEXICANO - Se não esquecer esta Al. Bazarra de los infiernos, ca-  
te-las una mala em los millores...

CAIXA - Uai não!

MEXICANO - Entonces, chace los índios...

POCINHO - (Voltando) Vamos, El Mexicano, vamos para o norte. Caixa Re-  
gistradora, registra tudo, que não tem... (Põe a mão para  
um seção visível de máquina, Caixa Registradora)



vel no balcão; vêm chegando a Cafeteira, Maronete, Maria / Belezoca, Prefeito, Al Gazarra e Joana Charuto.)

PREFEITO - Venham em silêncio. Esta nossa reunião é da maior importância para o progresso dos nossos planos. Meu escritório está cheio de espões de lacaí. Aqui só temos amigos. (Sorri para Cafeteira.)

AL GAZARRA - Ha, ha, ha...

JOANA CHARUTO - Alguma coisa para rir?

MARONETE - Precisamos afastar este bocinho de Sousa da cidade...

PREFEITO - É muito fácil. Vou mandar nomeá-lo xerife de lacaí; só assim ele deixa Tribobó.

MARONETE - É o mexicano? Parece bem perigoso.

PREFEITO - É um banana, ninguém tem medo dele, nem mosca.

MEXICANO - (Do sótão) O quê!

MARONETE - Ouvi barulho.

PREFEITO - Deve ser uma mosca.

AL GAZARRA - E diz que comanda um batalhão de índios que ninguém nunca viu. (Dá uma gargalhada)

CAFETEIRA - Chega de algarra e vamos logo ao assunto.

MARONETE - (desconfiado) Al Gazarra, toma conta da porta e avise se alguém se aproximar... Joana Charuto, sobe lá e vê se a menina tá legal e aproveita e dá um bomboninho pra ela. (Vendo a caixa) Srª. Cafeteira e Gademar, é melhor mandar esta Caixa Registradora embora, ela parece suspeitar de alguma coisa.

CAFETEIRA - Ela é burra que nem uma mula...

PREFEITO - Cuidado com os burros, é melhor dar-lhe férias.

CAFETEIRA - Caixa Registradora, você está de férias.

CAIXA - Não quero férias, quero cumprir o meu dever.

CAFETEIRA - O seu dever é tirar férias. Trabalhar demais faz mal à saúde.

CAIXA - Não quero tirar férias. Não posso.

CAFETEIRA - Então fica podendo. Você está de férias. Já disse.

CAIXA - Por quanto tempo?

CAFETEIRA - Por meia hora.

CAIXA - Então até a volta.

CAFETEIRA - Boa viagem. Goze bem suas férias. Seja feliz. Sentiremos sua falta. Até a volta.

CAIXA - (Sai, dizendo) Veja ilustra passageiro, o belo tipo faceiro / que o senhor tem ao seu lado. E no entanto acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o Rum Croosota.

Joana Charuto volta com Marly Marlens.



CAFETEIRA - Olha a moça!

MARONETE - O que há, Joana Charuto?

JOANA - Ela estava bem, chefe, mas sem a mordança... Não quis os bons - bons, sorriu pra mim e disse uma frase que não entendi... Olha que sou tão boa no inglês quanto na pistola!... One, two, ...

MARONETE - Quero ver se ela tem coragem de repetir agora o que disse.

MARLY - Deixa estar jacaré que a lagoa há de secar...

BELEZOCA - Live alligator, the lagoon will dry...

PREFEITO - O que?

MARLY - Deixa estar jacaré, que a lagoa há de secar...

MARONETE - Isto parece suspeito...

CAFETEIRA - Isto é muita saliência desta Capivara americana...

JOANA CHARUTO - (Apontando o revólver para a cabeça de Marly Marlène)  
Mato logo, chefe?

MEXICANO - (No sótão, sussurando) Los Índios!...

MARONETE - Calma, Joana Charuto... Para que matar se estamos com tudo?  
Guarda a pistola e a menina na gaveta e volta aqui...

Marly se debate e grita, tenta fugir, é cercada. Os bandidos cantam:  
Vamos passear no bosque...)

MARLY - Bando de malfetores! Espécie de mau caráter! Mulher horrível, gente sem coração... Se vovô Capivara estivesse vivo, botava / todos vocês na cadeia e fazia uma estação florida para Tribobó. Com anêmonas, miosótis, margaridas e muito, muito pé de laranja lima!...

CAFETEIRA - Muito engraçadinha mesmo!

MARLY - Vocês, facínoras, gente ruim, só fazem isto porque não tenho ninguém para me defender! Estou sozinha no mundo... (Banda beijinho pra bocinho no sótão)

BELEZOCA - Não tem ninguém para se defender, está sozinha no mundo...

MARONETE - Quer morar em minha casa, engraçadinha! (Gargalhadas)

MARLY - Cala a boca, elefante velho de jardim zoológico!

PREFEITO - A menina é corajosa!

BELEZOCA - Quem sabe ela quer entrar para o bando!...

MARONETE - Chega! Ela está enchendo o saco. Tranca ela no quarto, Charuto, e desce que chegou a hora das explicações...

JOANA - OK, chefe. Chefe, querendo eu mato logo...

MARONETE - (Mal humorado) Tranca ela no quarto!

MARIA BELEZOCA - Bem, agora que estamos livres de intrusos, exijo que me expliquem tudo. Afinal sou uma mulher decante, pô!

JOANA CHARUTO - Acho melhor você ficar quieta, Maria Belezoça, senão o chefe se enfurece e quero quem vai sofrer...



MARIA BELEZOCA - Cala a boca, Joana Charuto. Tenho o direito de saber porque raptamos a menina. Não gosto de fazer serviço de cabra-cega, tá me entendendo?

PREFEITO - Maria Belezoca, você será a mulher mais rica de Tribobó.

MARIA BELEZOCA - Corta essa, Gedemar White. Mais rica que a Sra Cafeteira?

PREFEITO - Tão rica quanto ela.

CAFETEIRA - (Que ouvia a conversa) Audácia!

MARIA BELEZOCA - Explica melhor, Gedemar White. Fiz um serviço e quero a minha paga.

BARONETE - Tenho a impressão que está na hora sagrada de explicarmos tudo a todos e como advogado dos fortes peço a palavra.

PREFEITO - (Cínico) Acho que o Sr. Juiz também deve estar presente. Pois tudo deve correr com a maior honestidade... possível. (Puxa o Juiz do piano. Este, sempre alheio a tudo, só espere ordens para tocar piano)

BARONETE - O caso é o seguinte: sabemos que o Sr. Juiz que vai dar a sentença final é surdo e mudo, portanto juiz ideal para o nosso caso.

MARIA BELEZOCA - Mas... ouvi dizer que a justiça é cega e não surdo-muda.

PREFEITO - Cala a boca, Maria Belezoca, aqui em Tribobó é diferente..

CAFETEIRA - Muito mais original!

BARONETE - E, sobretudo, realista! Voltando ao caso: os papéis da Fazenda Tribobó Farm foram retirados do fórum...

PREFEITO - E ligeiramente modificados...

BARONETE - ... para que se possa dispor dela como melhor nos aprovar.

Juiz acompaerha o caso com os olhos, D. Cafeteira tira um lenço e tapa os olhos do Juiz.

CAFETEIRA - Ih! Para de olhar assim! Agora está legal! Ah! Justicinha cega!

PREFEITO - Muito bem. Gosto de tudo legal. Construiremos, é claro, / mais tarde a estrada de ferro e a estação, noutra local...

CAFETEIRA - O que?

PREFEITO - Precisamos de qualquer maneira satisfazer o eleitorado... pelo menos em parte...

CAFETEIRA - (Furiosa) Hem? E as minhas diligências? S e um trem parar em Tribobó eu me mato (teatral). O que seria feito da Companhia Cafeteira de Diligências Tribobó? Serei arruinada. É assim que você bebe cachuambó meu bar Gedemar White? Ingrato! (Chora)



- PREFEITO - Cafeteira Rochedo, você está cometendo uma injustiça.
- CAFETEIRA - Gedemar White, se você destruir a Companhia Cafeteira de Diligências, tomarei providências. (Retira bruscamente a venda dos olhos do Juiz)
- PREFEITO - Não se exalte, Cafeteira, é assim que você quer pertencer a uma classe privilegiada de tribobomenses? Não seja Tribobocal!
- BELEZOCA - A panela de pressão está apitando!
- JOANA CHARUTO - Ele está querendo ensinar o padra-nosso ao vigário!
- AL GAZARRA - Take it easy, Joana Charuto. Não se mete que o negócio está esquentando.
- MARONETE - Calma, calma, a união faz a força!
- JOANA CHARUTO - É um revólver também...
- AL GAZARRA dá uma gargalhada.
- JOANA - Alguma coisa pra rir?
- MARONETE - Eu vou explicar direito a situação, entendeu? A Sr<sup>a</sup>. Cafeteira pode estar certa de que o Sr. Prefeito não fará a mínima força para deixar o trem passar em Tribobó. Ele seria o último a querer arruinar a Companhia Cafeteira de Transportes em Diligências Tribobó-Niterói. E, acima de tudo, ele tem uma profunda amizade pela senhora.
- PREFEITO - Profundíssima...
- MARONETE - Quanto à Fazenda Tribobó Farm, que pertenceu aos irmãos Brothers Capivara Smith, o caso é outro. Aquelas terras valem milhões. Graças ao Al Gazarra e a Joana Charuto, que também serão sócios da firma "Retiro dos Cow-boys Desamparados Sociedade Anônima", cujos verdadeiros fins devem se conservar completamente anônimos. Descobrimos ouro naquelas terras.
- TODOS - Ouro!
- MARONETE - Aqui tem. Uma pepita!
- PREFEITO - Será a cidade mais rica do Estado do Rio!
- TODOS - Tribobó?
- PREFEITO - Como prefeito o meu dever é querer o bem da minha cidade.
- MARIA BELEZOCA - É como chefe de bando!
- PREFEITO - Debaixo do abrigo para "Cow-boys Desamparados", construiremos uma mina anônima!
- TODOS - Viva!
- PREFEITO - Viva o ouro de Tribobó!
- MARONETE - Nossa causa venceu. Se faltou o juiz, entrega um papel ao Juiz, que assina, depois...



ombro do Juiz, que pensa que é para tocar e corre ao piano.  
Todos se cumprimentam, dançam e cantam!

Tribobó tem ouro  
Tribobó tem bó, bó, bó bó, bó  
Borogodó

AL GAZARRA - Que barato!

TODOS - Quem é bandido  
Tem que estar munido  
Quem é bandido  
Tem que estar prevenido  
Não pode ser batido  
Não pode ser batido

AL GAZARRA - Que barato!

TODOS - Tribobó tem ouro  
Tribobó tem bó, bó, bó, bó, bó  
Borogodó

AL GAZARRA - Que barato!

TODOS - Viva a riqueza  
Salve a moleza  
Pois com certeza  
Não queremos trabalhar  
A vida é para gozar  
A vida é para gozar

AL GAZARRA - Que barato!

TODOS - Tribobó tem ouro  
Tribobó tem bó, bó, bó, bó, bó  
Borogodó, Borogodó, Borogodó...

Vem chegando a Caixa Registradora. Todos param de dançar.

CAFETEIRA - Quem mandou você aparecer?

CAIXA - Minhas férias acabaram.

AL GAZARRA - Você se divertiu muito? (Gargalhada)

CAIXA - (Chorosa) Ah! Como é que você pode me tratar assim?

CAFETEIRA - Chega de intimidade, Caixa Registradora. Te dou férias de novo.

CAIXA - Como? Estou voltando das férias.

FREFEITO - Dá-lhe licença-prêmio, Senhora Cafeteira.

CAFETEIRA - Você está de licença-prêmio.

CAIXA - Se vocês me derem licença-prêmio compulsória eu, eu, eu... /  
chamo Los Índios.... (Gritando)

AL GAZARRA - (Rindo) Esta é boa... Ficou doida... as férias  
fizeram mal a ela...



CAIXA - Al!

PREFEITO - Chega de conversa. Você também está de licença-prêmio, Al. Ouzarra. Vá descansar um pouco em Nacé.

AL GAZARRA - É o ouro?

TODOS - (Olhando para a caixa) Que ouro?

PREFEITO - Traidor!

CAFETEIRA - Traidorzinho!

JOANA CHARUTO - (Dá uma bofetada em Al) Joaquim Silvério dos Reis!

BARONETE - Prendam a Caixa Registradora. Agora ela sabe.

CAIXA - (Apavorada) Não sei de nada.

PREFEITO - Não sabe do ouro?

CAIXA - Ouro, que ouro? Tenho três dentes de ouro. É isto?

PREFEITO - Ela então não sabe.

CAIXA - Só sei do meu dever.

CAFETEIRA - Então suma.

CAIXA - Suma... (E sai)

AL GAZARRA - Espera!

PREFEITO - Você agora fica.

Baronete confabula com o Prefeito.

BARONETE - Al e Joana Charuto têm uma missão a cumprir. Procurem a casa de Mocinho de Sousa para saber se ele sabe.

AL - Se ele sabe?

BARONETE - Do ouro, imbecil!

AL - Do ouro, imbecil! (Sai apavorado com Joana)

CAFETEIRA - Convido a todos para tomarem um legítimo conhaque de S. João da Barra nos meus aposentos... enquanto continuamos a agradável conversa sobre o ouro...

TODOS - Boa idéia. Adoro conhaque de alcatrão...

BARONETE - Esta Sociedade Anônima está começando muito bem...

Joana e Al voltam.

AL - E agora Joana?

JOANA - E agora? (Torce o braço de Al) Senta aí. Acho que eles estão querendo nos botar fora do negócio.

AL - Afinal fomos nós que descobrimos a pepita, temos os nossos direitos... E... se a gente procurasse o Mocinho de Sousa e contasse tudo?

JOANA - É aquele imbecil nos denuncia?

AL - Não há perigo. Ele deveria se chamar Bonzinho de Sousa. Vai cair na nossa história direitinho.

JOANA - Que história?





AL - Contaremos só a metade, é claro.

JOANA - Contaremos só a história da briga dos papéis da família.

AL - A história do ouro guardaremos só para nós dois! (Elas sorriem)

JOANA - Alguma coisa pra rir?

De trás do balcão surgem o Barman e as Babies dando gargalhadas. Al e Joana tiram as pistolas.

AL - Vocês ouviram?

AS QUATRO - Não!

BABY ARACI - Somos cúmplices!

ARLETE - Somos sócios!

NEVEN - Queremos ouro!

TOCOS - Ouro! Ouro! Ouro!

AL - E agora, Joana?

BABIES - E agora, Joana? E agora, Joana?

JOANA - (Depois de acender uma charuto) Venderemos outra sociedade anônima.

AL - Boa idéia!

BABIES - Boa idéia!

AL - (Apontando a pistola ameaçador) Hands up! Everybody! (Todos gritando levantam as mãos)

JOANA - Guarde a pistola. Al!

BABIES - Guarde a pistola, Al!

JOANA - Vocês agora são sócios!

BABIES - Sócios!

AL - Vocês agora são bandidos.

BABIES - Bandidas! Pistoleiras! (Com gritinhos e risos elas desaparecem com para botar chapéu e cartucheiras de bandidas)

BARMAN - (Chama) Quero ouro, hem?!

AL - Quietos, você. (Depois para Joana) Agora eu sou o chefe!

JOANA - Eu sou a chefe.

AL - Eu sou o chefe.

JOANA - Eu sou a chefe.

AL - Você está querendo me dizer que o novo chefe do bando é você, e não eu?

Joana apenas aponta o revólver pro ouvido de Al.

AL - Ah! Deixa Joana, uma vez só.

JOANA - Quietos Al. Você já ia estragando tudo. (Entram as Babies e se colocam sobre as mesas e balcões, cantando)

MÚSICA DAS BABIES - É melhor ser pistoleira,  
É melhor andar de vida,



É mais fácil ser lançada a girar  
Que dançar, dançar, dançar, danger sea parar  
Com revólver na cintura  
Vamos ver quem nos segura,  
E quando encontrarmos ouro, que esteja,  
Vai ser: bang, bang, bang, bang, que bang bang

AL - OK. (R) Everybody on the corner! Calada! Now boys and girls everybody on the corner! (Para o Barman) Não entende português não, sua tribobesta? Pro canto, já disse! Mas que grilo, hem chefe? Já para eu veja!

As Babler riem.

AL - Alguma coisa pra rir? Agora ouviremos chefe Joana contar as novidades. Por favor chefinho: Ladies and Gentlemen, presenting Miss Tribobó to the World: Chefe Joana!

Joana aparece no palquinho.

JOANA - Agora a chefe sou eu. Vamos à casa de Mocinho de Sousa contar à metade da história e nomeá-lo xerife. Enquanto ele estiver lustrando a medalha de xerife, a gente vai fazendo o serviço. Vou avisando logo a vocês: Aquela que abrir o bico sobre o grilo, receberá isto! (Dá um tiro, o pianista começa a tocar "Tribobó tem ouro". Todos dançam e saem dançando)

Mocinho e El Mexicano chegam sorrateiramente.

MOCINHO - Precisamos tirar Marly daqui.

MEXICANO - Chamo los índios?

MOCINHO - (Vendo que o Sr. Juiz toma água calmamente olhando para eles) Ele nos viu. Disfarça enquanto tiro Marly do quarto 13 (Mocinho sobe)

MEXICANO - Nasotras podemos beber com usted, excelência? Por que não responde? Meu amigo escalero, aquela que era tambien como usted, surdo, mudo, cego, perneta, maneta, careta, era un hombre mal ilustre como usted, juiz da ciudad de Guacalaia-ra e descendente de la familia de Pancho Villa que tinha uma prima cujo sogro descendia de la familia de Espata tambien de Ceará...

Olha para cima e vê Mocinho tentando abrir a porta do quarto 13

MOCINHO - Você está bem, Marly? (ouve por um momento) Espere mais um pouco que vou tentar arrombar a porta.

Tira um canivete e começa a mexer na fechadura.



MEXICANO - Aliás Fontembla, primo meu e amigo de mi padre, foi padrinho da minha bisavó, grande dama, íntima amiga de La mulher do Imperador Maximiliano.

MOCINHO - Está difícil.

MEXICANO - Chamo los Índios?

MOCINHO - Calma el Mexicano.

MEXICANO - (Para o Juiz? E Cortez, el gran Cortez, olé! Também foi padrinho de la mulher de mi primo, grande dançarina de racha... racha...)

MOCINHO - Fica calma, Marly, mas vou ter que dar um tiro na fechadura.

Mexicano tapa os ouvidos, mocinho atira, pianista corre. A porta se abre, sai Marly que corre com Mocinho escada abaixo, mas vem vindo o baronete. Mexicano se esconde atrás do bar.

MARONETE - Ouvi um tiro. Quem está aí? (Olha para cima, depois vai até o bar) Bebi conhaque demais ou estou vendo um chapéu de mexicano andar. (Baronete cutuca o Juiz) O senhor viu alguém entrar por aqui? Não viu nada, não é? Aliás quem poderia me strever a entrar neste salão hoje? Enquanto os fortes estiverem unidos nada poderemos temer. Viva o conhaque de São João da Barra!

Vem chegando D. Cafeteira.

CAFETEIRA - Tenho certeza que ouvi outro tiro. Não estou gostando nada disso. Baronete, vá até o quarto 13 e vê se a mocinha está quieta.

MARONETE - Bobagens, D. Cafeteira.

Maronete se dirige até a porta do salão. Cafeteira torna aos seus aposentos. Mocinho de Sousa e Marly desçam devagar para não serem vistos por Maronete e se metem dentro do palquinho fechando a cortina. Cafeteira volta.

CAFETEIRA - Vá até lá em cima, Maronete, preciso saber ao certo se esta lambisgoia Capivara não tem revólver.

MARONETE - Revólver? Ha! Ha! Ha! Aquela pobrinha inocente e pura?

CAFETEIRA - Estou pedindo a você para ir lá em cima, já disse...

MARONETE - OK! OK! (E quando entra no quarto, ouve-se uma barulhada, com gritos, e Maronete aparece embaixo, desabalado e calando)

CAFETEIRA - Maronete?! (Sobe correndo)

MARONETE - Estou aqui embaixo...

CAFETEIRA - E como é que você foi parar aí?



MARONETE - Acho que errei a porta e rolei da escada.

Cafeteira desce depressa enquanto Mocinho abre a cortina e dá um soco na cabeça de Maronete.

CAFETEIRA - (Voltando) Machucou?

MARONETE - Acho que machuquei o braço!

CAFETEIRA - (Saindo preocupada) Emplastro Sabiá!

MARONETE - Ai! (Quer seguir D. Cafeteira)

MOCINHO - (Saindo do palquinho) Maronete!

MARONETE - Modinho de Sousa!

MOCINHO - (Dando-lhe um soco) Seu criado. (Maronete cai nos braços de El Mexicano. Lutam) Corre Marly, foge para a casa de El Mexicano, que vou te encontrar lá...

MARLY - (Saindo) Cuidado Mocinho!

MARONETE - (Depois de deixar El Mexicano fora de combate) Bandido!

Grande luta entre Mocinho e Maronete. Mocinho ganha e deixa Maronete no chão. Depois põe o chapéu e sai.

MOCINHO - Às vezes, quando os fracos se unem...

MARONETE - (Se levantando e correndo até a porta) Ele há de me pagar. Vou meter um tiro naquela cuca desaforada, mas antes mata - rei a menina... E aí que quero ver...

CAFETEIRA - (Aparecendo) O que é isso, Maronete...

MARONETE - É que... (Para platéia) Não posso contar a D. Cafeteira, nem ao resto do bando que apanhei daquele frango louco... (Para Cafeteira) Ainda me dói o braço... (Sai)

CAFETEIRA - Venha.

MEXICANO - Agora, chegou a hora de chamar los índios...

Vem saindo todo o bando dos aposentos de D. Cafeteira. Mexicano de - pressa finge que está dormindo.

MARONETE - O que é que você está fazendo aqui?

MEXICANO - La siesta, amigo!

MARONETE - Vá fazer esta sesta noutra lugar... Vamos desinfetar!

BELEZOCA - Por que você não vai chamar los índios, hem, Mexicano burro?

Todos morrem de rir.

MEXICANO - Buena idea, senhorita inteligentíssima... Chamarei los índios... (Sai correndo) Los índios... los índios...

Voltam Maronete, Prefeito, Cafeteira e Maria Belezoca.

MARONETE - Você tem razão, Gedemar. Precisamos tirar a Joana Charuto do negócio. Quanto menos gente...



o curso melhor!

PREFEITO - Pode deixar comigo. Lançaremos Joana Chardas e El Garrucha pelo desfiladeiro de Macaé, e sairá na "gazeta tribobana" que foi um terrível acidente!

CAFETEIRA - Bem pensado, Gedemar White!

MARIA BELEZOCA - Espero que vocês planejem não me lançar de algum desfiladeiro, Gedemar White!

MARONETE - (Romântico) Você só poderá ser lançada num desfiladeiro, Maria Belezoca.

MARIA BELEZOCA - Qual, John Maronete?

MARONETE - No desfiladeiro do amor. (Os dois dançam um tango argentino, enquanto o Prefeito e D. Cafeteira confabulam num canto.)

PREFEITO - Precisamos eliminar Maronete e Maria Belezoca.

CAFETEIRA - Pode deixar, Gedemar White, mandarei jogar Maronete e Maria Belezoca do desfiladeiro de Macaé...

PREFEITO - (Sozinho enquanto o tango continua em surdina) Preciso mandar jogar Cafeteira no desfiladeiro de Macaé. Quero o curso só para mim. Depois tenho que jogar quem joga ela, também no desfiladeiro. Vou ficar exausto! (Para Maronete e Maria Belezoca) Bem, chega de negócios. Proponho a todos fazerem um piquenique no desfiladeiro de Macaé. Precisamos muito descansar e tomar ar fresco.

Maronete e Belezoca correm para um lado.

OS DOIS - Desfiladeiro de Macaé?

MARONETE - Aproveitaremos o ar fresco para lançar Gedemar White e Cafeteira Rochado pelo desfiladeiro.

BELEZOCA - E ficaremos com o curso só para nós dois.

Noutro canto, Cafeteira e Prefeito.

CAFETEIRA - Gedemar White, você tem peito. Lançaremos Maronete e Maria Belezoca pelo desfiladeiro de Macaé. Enquanto isso tomaremos ar fresco. (Alto para todos) Ofereço uma diligência para levar-nos ao local do... (Todos riem)

CAFETEIRA - Ao local do piquenique. Quem leva os sanduíches?

MARIA BELEZOCA - Eu levo os guardanapos.

MARONETE - Eu levo as bebidas.

PREFEITO - Como prefeito da cidade, eu forneço ar fresco.

MARIA BELEZOCA - Por que não pedir um resgate?

TODOS - A quem?

MARONETE - Quem sabe ela poderia também vir conosco ao desfiladeiro de Macaé? (Ouve-se trancas de cavalos)



DEPOIS - (Vendo a cena) Os índios

Depois disso, os poliquinos, pelos olhares, sentem de novo uma  
curiosidade, os índios do índio, os índios a lado da mesa, os  
os índios e uma parte dos índios do índio, os índios do índio  
os índios do índio quando entram os índios (Índio e índio) os  
Índios, Índios e Índios; mas não se revolvem.

ÍNDIO - Como vai quem vai fazer pirotecnia no índio, índio de índio  
ÍNDIO - Zozna Charatol.

Depois da cena não muda na que os personagens dos dois índios  
Índios uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que  
Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que  
Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que

ÍNDIO - (Vendo a cena) R e euro?

Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que  
Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que

ÍNDIO - (Apontando o revólver) Índio, ... (Índio sua cidadania caracterizada  
Índio)

Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que  
Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que

ÍNDIO - (Apontando o revólver) Índio, ... (Índio sua cidadania caracterizada  
Índio)

Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que  
Índio uma espécie de Índio-Índio, como se um índio e que

